

Ramalho Ortigão, o artista irreverente das «Farpas», e que mais tarde foi o funcionário reverente do Paço, escreveu em 1883 um livro magnífico sobre a Holanda. O calor da paixão por esse país, arrancado ao mar pelo esforço dos seus habitantes, fá-lo ser injusto para Portugal, quando compara os dois países nos fins do sec. XVI.

A Holanda que nasce como nação independente, é comparada, posta na mesma linha com Portugal, já com quatro longos séculos de história, mas que passava pela mais aguda de todas as crises da nacionalidade.

Para que o efeito artístico da comparação saísse com mais cor, põe lado a lado, Marnix, o herói da independência holandesa, fundador da «Liga dos Maltrapilhos» e Febus Moniz, o delegado de Lisboa às cortes de Almeirim, a voz do povo que queria ser livre.

Marnix simboliza um povo que nasce; Febus Moniz um povo que agoniza. Por isso a comparação, que literariamente pode ser bela, historicamente é falsa, porque é feita para exaltar a figura do holandês, com um desprezo claro pelo português.

E' verdade que Ramalho é justo quando diz: «No povo, que é a derradeira camada em que penetram as infiltrações da corrupção social, havia certamente em Portugal, como na Holanda, o estôfo de que se fazem as invencíveis guerrilhas.

«Quando o sapateiro Martin Fernandes e o oleiro António Pires foram ao convento do Camo, onde se reunia o braço da nobreza, protestar pelo braço popular em favor da independência, o Cardeal D. Henrique tremeu de terror pela revolução de Lisboa e, se junto dele se achasse nesse momento um amável contemporizador Barlaymont, êle poderia dizer-lhe, com mais verdade do que à duquesa de Parma: *Ce ne sont que des gueux.*

Esses dois mestris eram com efeito os nossos *gueux*.

Para dirigir, porém, o movimento do povo na reivindicação dos seus direitos, faltou-nos então a cabeça dum Marnix, cujo lugar a figura tão discutida de Febus Moniz está longe de poder preencher nos destinos da revolução portuguesa.»

Mas quando aprecia a acção de Febus Moniz neste fi-

nal de sec. XVI português, é injusto com o nosso herói, porque na história como na vida, são as realidades, os factos concretos, que teem a força impulsionadora da criação.

Tanto Febus Moniz como Marnix conheciam os povos a que pertenciam. Ambos sabiam qual a situação concreta dos respectivos países, mas já isso não aconteceu ao invasor.

Para Filipe II, a Batávia era uma simples e pequena província, pobre e ignorada, que herdara com todo o império de Carlos V, habitada por pescadores humildes, que se tinham deixado influenciar pelas doutrinas malditas da reforma.

Supôs que a simples presença do exército do duque de Alba seria o bastante para trazer aquelas ovelhas tremalhadas para o aprisco da igreja católica.

Não contou com Marnix nem com Guilherme d'Orange. E se o primeiro foi o cérebro, o segundo foi o braço da resistência, o defensor das liberdades holandesas, que tão alto nome deixaria na história do seu país. Mas sem querer menosprezar o valor dos heróis na história, esse braço e esse cérebro seriam estéréis, sem o compo vigoroso que se chamou a «Liga dos Maltrapilhos», verdadeira frente nacional, que ia do nobre ao mais humilde plebeu, unindo todos na luta pela independência nacional. E com estes também não contou Filipe II.

O caso português era diferente. Primeiro porque a derrota sofrida pelas tropas espanholas na Holanda, e o aparecimento desta como nação livre, trouxe ensinamentos novos a Filipe II. Aprendeu que os povos, mesmo fracos e ignorados, são capazes de opôr uma barreira invencível aos invasores. Em segundo lugar, Portugal era mais conhecido dos espanhóis e do mundo de então, do que o eram a maior parte das actuaes grandes nações. Os descobrimentos tinham mostrado à Europa medieval a força, o engenho e as qualidades criadoras deste pequenino país. Mas para os espanhóis, antes dos descobrimentos, já tinha havido Aljubarrota. E isso era muito importante para Filipe II. Por isso também a tática foi diferente.

Começou, como se diria na linguagem actual, por introduzir em Portugal a 5.^a coluna. O alto clero e a aristocracia venderam-se. Uns por dinheiro, outros por títulos, honras e empregos. Aristocratas que ostentavam nomes e braços que tinham sido honrados, descendentes dos nobres que dirigiram os descobrimentos e conquistas, traíram a pátria, entregando-a ao jugo estrangeiro. E a 5.^a coluna, composta pela classe dirigente do país e seus familiares, ponde agir livremente. Não lhe faltou sequer um chefe, e que, para desgraça do país, era o próprio Rei. O Dr. Hacha teve um percursor no cardeal D. Henrique.

Com a morte do Cardeal, a posição de Filipe II ainda se reforçou, porque os governadores não só faziam a politica de Castela, mas três deles estavam-lhe vendidos. Em vez dum Dr. Hacha passou a haver três Seiss-Inquart.

As vozes que se levantavam eram abafadas pelas prisões. As forças faziam calar os endemoinhados, que tinham a audácia de acusar de vendidos e traidores a nobres, bons cristãos com nomes tão illustres.

O povo, que por um lado era traído pelos chefes, por outro lado encontrava-se combalido, as feridas de Alcácer-Kibir ainda sangravam. Foram 15.000 vidas arrancadas a um país cuja população não era superior à da Albânia actual. O que podia fazer o país?

Faltavam chefes populares, mas especialmente faltava uma organização no género da «Ligue des Gueux», que encarnasse as aspirações patrióticas e orientasse a defesa. Por mais entusiasmo e patriotismo que tivesse um Febus Moniz, não eram os seus 60 anos doentes que, isolados duma organização popular, poderiam defender o país.

Por isso as reacções foram débeis. Pequenas revoltas locais como as de Santarém (esta orientada pelo próprio Febus Moniz), Setúbal, Cascais, Coimbra, Tentugal, Vila Real, foram logo abafadas pelos elementos da 5.^a coluna que aí existiam. No Porto foram os próprios magistrados que abafaram a revolta, e em Braga, o arcebispo, D. Frei Bartolomeu dos Mártires, foi o mais acerrimo defensor de Filipe II e o maior inimigo da independência nacional.

Esses elementos, para apavorarem o povo, para quebrarem as resistências, divulgavam o estado ruinoso das fi-

nanças e a falta de armamento para a defesa. Assim dizia-se (e era verdade) que se deviam três milhões de ducados, que o deficit annual era de trezentos mil, e que nos cofres do estado havia apenas dez mil ducados. Para justificarem a traição, informavam que o país estava desarmado e que numa emergência tão grave havia em Lisboa apenas 130 quintais de pólvora. Não havia portanto nada a fazer, e que não se deviam fazer sacrificios de vidas. Filipe II era apontado pelos traidores, como o salvador da nação.

Os governadores, apavorados com as revoltas populares, tornavam cada vez mais falsa a sua posição. Ao mesmo tempo que serviam a Filipe II, tomavam atitudes públicas que embaraçavam as medidas do invasor. E quando Cristovam de Moura os censurou duramente por essa dualidade de atitudes responderam-lhe que «se não iludissem a opinião pública de vez em quando com algumas aparências de patriotismo, em breve um motim popular lhes arrancaria o poder, e talvez a vida!»

D. João Telo de Meneses, era um dos governadores que não estava vendido. Apesar da sua limitadissima visão politica, percebia que o país devia pensar em se defender. Os outros não tiveram coragem de se opôr, e para mais isso servia bem a sua demagogia patriótica. Nomearam fronteiras para o Alentejo, Algarve e Beiras, mas... não lhes deram soldados, nem armas, nem munições.

Ainda se lembraram da aliança inglesa, que datava do principio da dinastia que ia findar. Mandaram um emissário à Inglaterra, mas a perspetiva Isabel, que estava muito bem informada da situação pelos seus espiões, não esteve disposta a emiscuir-se numa aventura tão perigosa, por não lhe merecerem confiança os homens que tinham na mão os destinos do país. E temendo a traição esperou ocasião mais oportuna para bater Filipe II.

E Portugal, vendido e traído de dentro, abandonado exteriormente pelos seus aliados, viu-se preso nos tentáculos do polvo espanhol. Começava a noite dos 60 anos de cativo.

MA'RIO SEABRA NOVAIS